



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

ÍSTRIA MARIA ALVES DE LEMOS

**A ESCOLA PÚBLICA, A ESCOLA PARTICULAR E O USO DAS TIC COM
RECORTE DE GÊNERO**

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

ÍSTRIA MARIA ALVES DE LEMOS

**A ESCOLA PÚBLICA, A ESCOLA PARTICULAR E O USO DAS TIC COM
RECORTE DE GÊNERO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba (SEC/PB), em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a. Ms. Cecília Telma Alves Pontes de Queiroz

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa quanto na eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figurem a identificação do autor, o título, a instituição e o ano.

L556e Lemos, Istria Maria Alves de
A escola pública, a escola particular e o uso das TIC com
recorte de gênero [manuscrito] : / Istria Maria Alves de Lemos. - 2014.
50 p: il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância,
2014.
"Orientação: Profa. Ma. Cecília Telma Alves Pontes de Queiroz,
Departamento de Educação".

1. Educação. 2. Prática docente. 3. Tecnologia da informação. I.
Título.

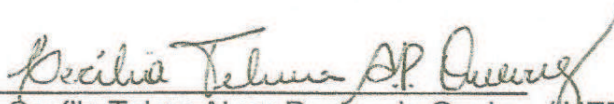
21. ed. CDD 370.1

ÍSTRIA MARIA ALVES LEMOS.

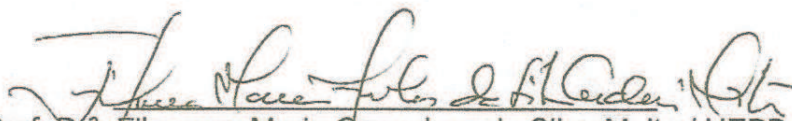
**O USO DAS TIC NAS ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES
COM RECORTE DE GÊNERO.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, promovido pela Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba (SEC/PB), em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

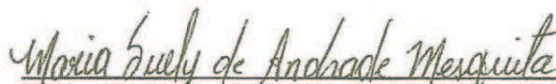
Aprovada em 30/08/2014.



Prof.^a. Ms. Cecília Telma Alves Pontes de Queiroz / UEPB
Orientadora



Prof. Dr.^a Filomena Maria Gonçalves da Silva Moita / UEPB
Examinadora



Prof.^a Maria Suely de Andrade Mesquita / UEPB
Examinadora

Dedico este trabalho a Deus, por sentir sua intensidade em tudo o que faço. A Ti dou graças.

Obrigada por me levar em Teus braços, nos momentos em que eu achava que iria fraquejar e não conseguir seguir sozinha e por fortalecer o meu viver.

Pai, graças Te dou, de todo o coração, por ter me concedido a inteligência necessária, saúde, coragem e estar aqui para te render o meu amor e gratidão. Por isso, só me resta Te amar.

Por tudo isto PAI e por ser o Senhor da minha Vida e realizações.

AGRADECIMENTOS

Às orientadoras, Prof^ª. Ms. Cecília Telma Alves Pontes de Queiroz e Maria Suely de Andrade Mesquita, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e assistência na construção deste trabalho;

Aos meus familiares, pela compreensão e pela força;

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, que contribuíram, ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e dos debates, para o desenvolvimento da pesquisa;

Aos professores da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Profissionalizante Professora Maria do Carmo de Miranda, que se disponibilizaram a responder à entrevista, contribuindo para a elaboração deste trabalho;

Ao Colégio e Curso Decisão, especialmente à Coordenadora Solange Lacerda Martins, pela disponibilidade e pelo acesso aos/às professores/as nas pesquisas realizadas;

Aos colegas de classe, pela amizade e pelo apoio;

A minha amiga especial, Fátima Pessoa, que não mediu esforços para colaborar comigo e me apoiar quando, muitas vezes, pensei em desistir;

À funcionária do Polo da UEPB, Alessandra Ali, por sua disponibilidade.

RESUMO

O presente trabalho faz uma reflexão sobre as mudanças tecnológicas, que trazem como características marcantes a intensidade e a velocidade de propagação de informações no mundo e provocam alterações nas sociedades, na vida das pessoas, nas formas de ensinar e de aprender e, portanto, consequências na educação. Aqui foi analisado o uso das TIC com recorte de gênero, na prática pedagógica de professores/as de duas escolas – uma pública e uma particular – fazendo uma comparação. Nessa perspectiva, emergiram as seguintes questões: Como é feito o processo de assimilação e de apropriação das novas tecnologias no cotidiano das escolas? Como os/as professores/as avaliam os cursos de formação continuada para o uso das tecnologias? Há diferenças significativas quanto ao gênero e o uso das TIC? Foram realizadas entrevista semiestruturadas com 27 professores/as (28,3% homens e 71,7% mulheres). Constatou-se que não há diferenças significativas quanto ao gênero e ao uso das TIC, porém as mulheres, proporcionalmente, usam-nas mais. A maioria dos/as professores/as participantes da pesquisa, apesar de demonstrar que conhece as TIC e sua importância, ainda deseja participar de mais Cursos de Formação Continuada com esse foco, integrando diferentes mídias, pois afirmam que sempre há novidades tecnológicas e, conseqüentemente, novas dúvidas, resistências e receios.

Palavras-chave: Formação Continuada. Prática pedagógica. TIC. Gênero.

ABSTRACT

This paper reflects on the technological changes that bring striking features as the intensity and the speed of propagation of information in the world, causing changes in society, the lives of people in ways to teach and learn and thus impact in education. We sought to examine the use of ICTs, with a gender, the pedagogical practice of teachers / the two schools, public and private, allowing a comparison. One may wonder how is the process of assimilation and appropriation of new technologies in primary education schools? How / the teacher / assess the continuing education courses for the uses of technology? And if there are significant gender differences and the use of ICT. Semistructured interviews with 27 teachers/as (28.3% men and 71.7% women) were performed. It was found that there are significant differences in terms of gender and ICT use, but it was found that women are proportionately more use. Most / the teacher / study participants, despite having to demonstrate knowledge of ICT and its importance, still want more Continuing Education, with this focus, integrating different media, as technological innovations always say there, for they / them consequently, new doubts, fears and resistances.

Keywords: Continuing Education. Pedagogical practice. ICT. Gender.

LISTA DE SIGLAS

CCD	Colégio e Curso Decisão
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
E.E.E.F.M.P. P.M.C.M.	Escola de Ensino Estadual Fundamental, Médio e Profissionalizante Professora Maria do Carmo de Miranda
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
MEC	Ministério de Educação e Cultura
NTE	Núcleo de Tecnologias Educacionais
PROINFO	Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educativa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMA.....	10
1.2 OBJETIVOS.....	10
1.2.1 Objetivos geral	10
1.2.2 Objetivos específicos	10
1.3 JUSTIFICATIVA.....	11
1.4 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 A TECNOLOGIA NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS.....	13
2.2 A FORMAÇÃO DOS/AS PROFESSORES/AS E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS EM SUAS PRÁTICAS COM AS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS.....	14
2.3 AS MULHERES E O USO DAS TECNOLOGIAS.....	15
2.3.1 Breve história do gênero	15
2.3.2 Conceituando gênero	17
2.3.3 Igualdade de gênero através do acesso às TIC	19
2.4 A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS..	22
3 PERCURSO METODOLÓGICO	25
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	27
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA A.....	27
4.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PARTICULAR B.....	28
4.3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA ESCOLA A.....	29
4.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA ESCOLA B.....	29
4.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	30
4.5.1 Justificativa da escolha pela entrevista semiestruturada	30
4.5.2 Discussão dos dados	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE	41
ANEXO	44

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho reflete sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), no campo educativo, e foca sua importância não apenas como um novo instrumento, mas também como uma nova cultura da aprendizagem.

Pode-se afirmar que o mundo vive um processo de transformação proporcionado pelo avanço das tecnologias que fazem parte de nossa vida, desde os mais distintos e remotos períodos dos tempos. No que diz respeito à sua evolução, atualmente, a velocidade com que se inova e expande é tamanha que não conseguimos acompanhar todo o processo disponível no mercado. Hoje, tem-se, além de outros recursos tecnológicos, o computador, mais especificamente, a Internet, com todo o seu arsenal de possibilidades e oportunidades que diversificam as alternativas de criatividade, de pesquisas, cursos e outros meios de que necessitamos no dia a dia e que facilitam a comunicação.

Nesse cenário, é importante que as TIC sejam inseridas na formação continuada de todos/as os/as professores/as oras (nativos/as e imigrantes digitais). Mas, para que isso aconteça, é necessário não só garantir que esses profissionais tenham vontade de inseri-las em suas atividades, mas também que haja uma mudança de postura por meio de pesquisas e reflexão crítica do seu fazer pedagógico. Pode-se até dizer, uma quebra de paradigmas. Os/as professores/as precisam ser motivados, participar de cursos de formação continuada, em ambientes de aprendizagem colaborativa, em um clima de construção de conhecimentos, de competências, habilidades, valores e de novas abordagens a serem praticadas em sua ação pedagógica, uma construção pautada em uma ação dialógica que contribuirá para a promoção pessoal da consciência de si mesmos/as e do mundo para transformar a realidade.

A prática docente crítica implica o pensar certo, envolve o movimento dinâmico entre *o fazer e o pensar sobre o fazer*. [...]. Por isso é que, na formação permanente dos/as professores/as, o momento fundamental é o de refletir de forma crítica sobre a prática (FREIRE, 2001, p.43). Nesse percurso, ressalta-se que as práticas que envolvem o uso das novas tecnologias visando à ação educativa caminham na direção apontada por Freire, ou seja, uma pedagogia pautada em princípios que privilegiam a construção do conhecimento, a interdisciplinaridade, a flexibilidade curricular e a autonomia no processo de ensino/aprendizagem. Isso exige dos/das profissionais da área de educação competências e habilidades para o desenvolvimento de uma prática docente que oportunize estratégias e situações de aprendizagem significativas para os/as estudantes, sem perder de vista o foco da intencionalidade educacional.

1.1 PROBLEMA

A fim de alcançar os objetivos pretendidos, foram levantadas as questões que deram o norte para a concretização do estudo em foco, quais sejam:

- As tecnologias da informação e comunicação e as diversas mídias adentraram os espaços educacionais. O que muda na escola?
- Como os/as professores/as se apropriam desses novos recursos em sua prática docente e os operacionalizam?
- Como os/as professores/as veem que esses recursos, mais especificamente, a internet, podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem?
- Em relação ao gênero (professores/professoras), existem diferenças quanto ao uso das tecnologias?
- Como as tecnologias são usadas no universo feminino?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivos geral

Analisar as dificuldades enfrentadas pelos/as professores/as nativos e imigrantes digitais, considerando a necessidade de lidarem com as novas tecnologias no contexto educacional.

1.2.2 Objetivos específicos

- Compreender como as tecnologias podem contribuir para as práticas educacionais;
- Identificar as tecnologias que estão inseridas nos espaços educacionais como ferramentas de ensino e aprendizagem;
- Detectar as dificuldades que os/as professores/as estão enfrentando nas práticas subsidiadas pelas tecnologias educacionais com recorte de gênero.

1.3 JUSTIFICATIVA

A discussão sobre os impactos sociais das Tecnologias de Informação e Comunicação, no sistema escolar e em seus atores, não é recente e tem alimentado não só inúmeros debates sobre as políticas públicas implementadas pelo Ministério da Educação, mas também, em relação às iniciativas de sua inserção e aplicação no âmbito escolar, que se apoiam na expectativa de mudar os processos pedagógicos, sobretudo na busca por melhorar o desempenho do processo de ensino-aprendizagem.

As TIC podem ser um dos caminhos para transformar a escola em um espaço aberto para todos os que participam dela. No entanto, para que essa perspectiva se torne de fato viável, é necessário que o/a professor/a tenha abertura e flexibilidade para relativizar sua prática e suas estratégias pedagógicas, com vistas a propiciar aos estudantes a oportunidade de construir o conhecimento e de se posicionarem no processo de aprendizagem de forma criativa e autônoma. Nesse sentido, o/a estudante deixa de ser um mero receptor, já que “aprende fazendo, aplicando aquilo que sabe e buscando novas compreensões com significados para aquilo que está produzindo” (FREIRE; PRADO, 1999; ALMEIDA, 2002; PRADO, 2005).

O/a professor/a, por sua vez, amplia os próprios conhecimentos, uma vez que é desafiado a buscar informações novas, a discutir sobre as ideias levantadas por seus discentes na sala de aula, nos trabalhos de pesquisa e pode ser seduzido a se aproximar de outras disciplinas, trabalhar de forma interdisciplinar e desenvolver modos novos de interagir com eles/as. Essa nova forma de aprender gera situações de aprendizagem reais e diversificadas e permite a construção da autonomia, juntamente com seus/suas colegas e professores/as.

Com base nesses aspectos, é possível começar um trabalho de inovação do ensino e da aprendizagem. Mas, para isso, precisa-se, constantemente, refletir sobre o que se está fazendo, ou seja, sobre esse novo fazer pedagógico. Nessa perspectiva, integrar as TIC envolvendo diferentes mídias, computador (internet), e-mail, hipertexto, blog, entre outros, nas atividades pedagógicas é uma forma de expandir o acesso a uma informação atualizada e, principalmente, criar ambientes de aprendizagem que privilegiem a (re) construção de conhecimento. Assim, neste trabalho, busca-se compreender como o uso das TIC vem sendo introduzido nas escolas pesquisadas, uma pública e uma particular, e se existem diferenças em sua aceitação/rejeição em relação aos professores e às professoras, ou seja, quanto aos aspectos de gênero.

1.4 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

Este trabalho foi organizado em cinco capítulos. No primeiro - a introdução – faz-se uma breve referência ao contexto geral da investigação. No segundo, apresenta-se o referencial teórico principal em que o estudo foi baseado, enfocando concepções sobre o tema proposto - a escola pública, a escola particular e o uso das TIC com recorte de gênero. Também é feita uma abordagem sobre as tecnologias da informação e comunicação (TIC) nos espaços educacionais, sobre a importância das tecnologias nas práticas pedagógicas, a formação dos professores, os desafios e as potencialidades na escola e as mulheres e o uso das tecnologias. No terceiro capítulo, apresentam-se os aspectos teóricos que fundamentam a metodologia adotada neste estudo, bem como o delineamento metodológico de abordagem qualitativa, que se caracteriza como um estudo de caso. O quarto capítulo traz a análise dos resultados, e o quinto, as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A TECNOLOGIA NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS

A tecnologia avançou de maneira intensa e surpreendente a partir de meados do Século XX aos dias atuais, nos vários continentes, no entanto a inclusão digital ainda não alcançou toda a população mundial, incluindo a brasileira, tendo em vista que o acesso à inclusão ainda é restrito a algumas regiões dos países, classes sociais e níveis de escolaridade. Vale ressaltar que a inclusão digital só acontece quando o computador (Internet) é usado para melhorar a vida dos cidadãos no que diz respeito à transformação pessoal e social. Qualquer pessoa que tenha acesso limitado ou não saiba utilizar as tecnologias disponíveis está, de alguma forma, excluída. Portanto, para exercer a cidadania e participar efetivamente do âmbito sociocultural, profissional e educacional, é imprescindível o acesso às tecnologias presentes na sociedade contemporânea. Porém, esse acesso só adquire sentido quando as pessoas conseguem atribuir significado às informações e expressar-se por meio dessa tecnologia, utilizando-a para resolver problemas da própria vida no universo do seu cotidiano.

Nessa linha de pensamento, Drucker (1993, p.153) afirma: “A tecnologia será importante, mas principalmente porque irá nos forçar a fazer coisas novas e não porque irá permitir que façamos as coisas velhas melhor”. Para o autor, a tecnologia está “engolindo a escola” e, mais do que nunca, é necessário “repensar o papel e a função da educação escolar, seu foco, sua finalidade, seus valores”. Não há dúvida de que o mundo tecnológico adentrou as escolas de forma impactante. Mas, apesar dos grandes desafios que esse processo traz, levando-se em consideração a fragmentação dos currículos, a formação do/a professor/a e a carga horária, muitas escolas brasileiras já integram as TIC para apoiar o desenvolvimento e o aprendizado dos conteúdos pedagógicos, embora de forma lenta.

Na visão de Kenski (2007), “o movimento de incorporação do computador à atividade e a projetos de ensino de professores em qualquer área de conhecimento, ainda hoje, é insipiente”. Sabe-se, no entanto, que as TIC poderão se tornar um complemento moderno e enriquecedor no ambiente escolar, para que docentes e discentes possam desenvolver, cada vez mais, a autonomia, a criatividade e o senso crítico-reflexivo a favor do processo de ensino e aprendizagem e do desenvolvimento de novas competências e habilidades. As TIC impõem novas formas de comunicação e interação em tempo síncrono e assíncrono, sem fronteiras de tempo e espaço que vão além das paredes das salas de aula. Nesse contexto, a internet traz uma nova dimensão de mundo para a escola, o mundo das redes sociais virtuais, dos

ambientes virtuais de aprendizagem, onde as pessoas trocam informações, fazem pesquisas e colhem dados a qualquer hora e de qualquer lugar. Portanto, cabe à escola, como instituição responsável pela sistematização do saber, e ao professor, mediador da aprendizagem, refletirem sobre seu papel diante da realidade social, cultural e político-econômica da sociedade contemporânea e repensar a utilização das (TIC) no ambiente escolar.

2.2 A FORMAÇÃO DOS/AS PROFESSORES/AS E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS EM SUAS PRÁTICAS COM AS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

Devido aos avanços tecnológicos e às suas implicações na sociedade e na escola, questiona-se, hoje, qual o papel do professor nesse novo cenário educacional, de que forma ele deve conduzir sua prática pedagógica com o apoio dos novos recursos tecnológicos e, conseqüentemente, como se dá a formação dos docentes nesse contexto. Segundo Kenski (1999), não é possível pensar na prática docente sem que se pense na pessoa do professor, a quem devem ser dadas oportunidades de conhecer sua identidade pessoal, como profissional docente, seus estilos e seus anseios e refletir sobre ela. Sua formação deve ocorrer permanentemente, durante todo o seu caminho profissional, dentro e fora da sala de aula.

[...] é preciso que esse profissional tenha tempo e oportunidades de familiarização com as novas tecnologias educativas, suas possibilidades e limites para que, na prática, faça escolhas conscientes sobre o uso das formas mais adequadas ao ensino de um determinado tipo de conhecimento, em um determinado nível de complexidade, para um grupo específico de alunos e no tempo disponível. (KENSKI, 1999, p.49-50)

As TIC estão presentes no cotidiano do/a professor/a e devem ser incorporadas em suas atividades pedagógicas como um importante recurso educativo. Entretanto, alguns/as desses/as profissionais ainda se resistem fortemente a elas. Acredita-se que esse fato ocorra, a priori, porque eles não as dominam e, por isso, sentem-se inseguros para conceber as mudanças. A formação do/a professor/a deve ser um processo permanente, marcado por momentos de discussão, reflexão e argumentação sobre o fazer pedagógico, sobre os conteúdos curriculares a serem trabalhados na sala de aula e sobre como abordá-los de maneira desafiadora e voltados para a realidade do aprendente. Isso poderá aflorar a motivação e o interesse dos educadores de modo que (re) signifiquem e (re) construam sua prática docente a partir de uma compreensão mais profunda e rica, acompanhando os avanços não só das tecnologias, mas, também, das pesquisas científicas em todas as áreas do

conhecimento e das sociedades. É relevante valorizar os saberes e as práticas dos/as professores/as, trabalhar os aspectos teóricos e conceituais implícitos, muitas vezes desconhecidos por eles/elas, além de criar conexões entre o saber pedagógico e o científico. A formação deve ter como foco, ainda, a questão da autonomia, da participação e das formas colaborativas de aprendizagem do/a professor/a. Segundo Prado (1993), para que o professor adquira autonomia, a formação deve ser direcionada para a construção de uma prática pedagógica transformadora, através da qual esse profissional se torne crítico-reflexivo, autocomprometido com o desenvolvimento profissional e envolvido com a implementação de projetos inovadores na escola, tornando-se ator e autor do seu fazer pedagógico.

Ainda sobre a formação do professor, Almeida (*apud* VALENTE, 2000, p.11) considera que o conhecimento necessário para que esse/a profissional assumira essa posição “não é adquirido através de treinamento, mas de um processo de formação” permanente, dinâmico e integrador, que se fará através da prática e da reflexão sobre essa prática, da qual se extrai o substrato para a busca da teoria que revela a razão de ser da prática.

2.3 AS MULHERES E O USO DAS TECNOLOGIAS

2.3.1 Breve história do gênero

Da Antiguidade até certo período do Pré-Iluminismo, acreditava-se na existência de um só sexo: o masculino. De acordo com Laqueur, historiador e pesquisador, autor do livro ‘Inventando o sexo, corpo e gênero dos gregos a Freud’, a concepção do sexo único, por um longo período, está ligada às questões de poder:

Em um mundo público predominantemente masculino, o modelo do sexo único apresentava o que já era muito evidente na cultura mais genérica: o homem é a medida de todas as coisas, e a mulher não existe como uma categoria distinta em termos ontológicos. Nem todos os homens são masculinos, potentes, dignos, ou poderosos, e algumas mulheres ultrapassam alguns deles em cada uma dessas categorias. Porém, o padrão do corpo humano e suas representações são o corpo masculino. (2001)

Partindo da observação de Laqueur, pode-se dizer que o corpo do sexo único constituía-se, nessa época, um padrão paradoxal, em que a ordem e a hierarquia podiam ser vistas como imposições de fora, e não, como um determinismo nas diferenciações dos

gêneros homem /mulher que, segundo o autor, era muito importante e fazia parte da ordem das coisas.

No Século XVIII, apesar do engajamento das mulheres em acontecimentos políticos importantes, como a Revolução Francesa, a sociedade não lhes concedeu direitos iguais. Elas continuaram sendo vistas como submissas e reprodutoras de herdeiros e de forças de trabalho. De acordo com Miguel e Boix (apud NATANSOHN, 2013),

a Revolução Francesa e o Iluminismo se apresentaram a si mesmas como um momento fundador de uma nova ordem baseada pela primeira vez na universalidade dos direitos e, portanto, na universalidade do ser humano sujeito dos direitos consagrados pela *Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão*. E, sem dúvida, essa suposta universalidade também teria consequências excludentes para as mulheres, consequências que ainda hoje não foram superadas.

Weeks (2001 p. 57) enfatiza que as transformações políticas, econômicas e culturais ocorridas nesse século criaram um contexto em que a articulação de diferenças radicais entre os sexos se tornou culturalmente imperativa.

No Brasil, no início do Século XIX, surgiram as pioneiras e as precursoras do feminismo, que fundaram o Colégio Augusto e solicitaram a formulação do currículo do ensino feminino nos moldes clássicos e humanísticos. Mesmo diante de tantos esforços, não conseguiram obter o êxito desejado e, só no final desse século, começaram a acontecer pequenas mudanças que foram acompanhando a transformação da sociedade.

Nepomuceno (2009) refere que o período entre o final do Século XIX e a virada para o Século XX é destacado por muitos historiadores como sendo o marco do feminismo como um movimento social organizado, quando a luta pelo direito ao voto feminino, conhecida como movimento sufragista, deu às mulheres mais visibilidade social e política. Nessa luta, foram incorporadas outras causas, como o direito à educação, à melhoria no trabalho e ao exercício da docência. A partir de então, as mulheres começaram a adentrar os espaços públicos e a exigir o direito de participar do processo de civilização da nação, rompendo, gradativamente, com paradigmas que a cultura, ao longo dos séculos, perpetuou, cultuando moldes para as relações sociais entre o masculino e o feminino, na maioria das vezes, sobrepondo o homem à mulher; uma cultura em que apenas o sexo masculino é reconhecido dentro das relações - “os corpos masculino e feminino como versões hierárquicas e, verticalmente, ordenadas de único sexo” (LAQUEUR, apud. WEEKS. 2001. p.57).

O mundo evoluiu, as sociedades passaram por profundas transformações, mas existe uma forte resistência quando convenções tradicionais são quebradas, principalmente em relação à questão do gênero e da hierarquia de poder. Existem diversos movimentos culturais em prol de uma melhoria histórica e sociocultural em relação às mulheres com o trabalho, com a formação e com os recursos tecnológicos. Algumas delas descobriram o mundo das redes sociais da WEB como uma nova possibilidade, “um novo espaço para além ou mais para cá dos espaços públicos-privados/domésticos – em que finalmente os gêneros ficam desarticulados e desativados, e as pessoas liberadas dos rígidos corpetes de uma masculinidade ou feminilidade empobrecedora e alienante” (MIGUEL e BOIX apud NATANSOHN, 2013).

2.3.2 Conceituando gênero

Do Latim *genus* (nascimento, família, tipo), o termo gênero, gramaticalmente, designa a forma de classificar fenômenos, fazer a distinção entre masculino e feminino. Em uma visão mais acadêmica, o termo abrange uma compreensão mais ampla e complexa em que se inserem os grupos humanos e os simbolismos de cada época.

Até o Século XVII, o sexo ou corpo era compreendido como um epifenômeno e não determinava nada, enquanto o gênero era concebido como um processo cultural, em que ser homem ou ser mulher era uma condição social. Segundo Laqueur (1990), “a hierarquia se justificava por um dualismo qualitativo, onde o homem era a referência de perfeição”. Louro entende que

uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico [...]; como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja etc. são ‘genereficadas’), ou seja, expressam as relações sociais de gênero. (1995, p.103)

Na concepção de Bourdieu (1999), “o gênero é um princípio de diferenciação e uma estrutura de desigualdade e dominação simbólica, dominação masculina, no caso das sociedades patriarcais, sexistas e das culturas androcêntricas, centradas em normas e valores masculinos”. “É um habitus, uma estrutura psicossomática, um modo de ser, um estado habitual, especialmente do corpo, adquirido na socialização primária, continuamente realimentado e reforçado pela objetividade da organização social baseada em divisões de

gênero, classe etc.”. Louro (1997) e Braga (2007) afirmam que a palavra gênero passou a ser usada com a finalidade de marcar as diferenças entre homens e mulheres, que não são apenas de ordem física e biológica. Para Braga, o sexo é atribuído ao fator biológico, enquanto o gênero é uma construção histórico-social. A noção que se tem acerca de gênero aponta para a dimensão das relações sociais do masculino e do feminino.

No que concerne à educação, o conceito de gênero ainda não é assimilado totalmente na prática escolar. Refere-se a noções de masculinidade e feminilidade atribuídas a pessoas e a objetos e representa a tentativa teórica e política de desnaturalizar as diferenças baseadas no sexo (CARVALHO, 2008).

[...] as noções de masculinidade e feminilidade são instáveis e plurais, e se articulam a outras estruturas de desigualdade e dominação, como classe social, raça/etnia e orientação sexual. Assim, existem relações de distinção e poder entre diferentes formas de masculinidade e feminilidade, de sorte que a problemática de gênero afeta diferentemente mulheres e homens de diferentes condições sociais, e afeta também os homens que não correspondem aos ideais e masculinidade hegemônica. (CARVALHO, 2008)

Segundo a autora, as discussões a respeito de gênero remontam à década de 80 e, em parte, sempre estiveram associadas a particularidades femininas e à relação de poder entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres. Porém, é preciso que tais discussões, na contemporaneidade, contemplem, principalmente, as questões subjacentes às desigualdades sociais produzidas pelo determinismo biológico e pelo estabelecimento social de padrões de comportamentos para homens e mulheres. A esse respeito, Louro afirma:

[...] A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e os prazeres – também são socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, que são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade [...]. (2001, p.11)

Com base nesses pressupostos, pode-se inferir que a compreensão do conceito de gênero possibilita o reconhecimento dos valores atribuídos a homens e a mulheres e das normas de comportamento oriundos desses valores em determinados tempos e sociedades. A partir desse reconhecimento, pode-se compreender como esses valores e regras interferem no funcionamento das instituições sociais – a família, o trabalho, as universidades, as escolas e outras organizações - um contexto de relações sociais e de rede de poderes instituídos.

A discussão em torno de gênero perpassa pela observação que fazemos das relações sociais, no trabalho, no lazer, na política, enfim, convivemos permanentemente com relações de dominação, com relações de poder. Entende-se então que o gênero é ainda uma das primeiras formas de distribuir e significar o poder, sendo que o que é classificado como masculino tende a ser mais forte, superior e poderoso; ao passo que o que é considerado feminino é visto como mais fraco, com menos poder e por isso deve ficar sob a esfera de proteção e de submissão ao masculino. (ALBEERNAZ e LONGHI, 2009)

Muitos foram os direitos conquistados pelas mulheres, no entanto, há muitos preconceitos a serem superados, principalmente porque a sociedade pós-moderna ainda não se livrou totalmente do ranço dos modelos pré-concebidos em eras anteriores e que são passadas de geração para geração, ignorando que o ser humano é sujeito de muitas identidades, e todas elas são passíveis de transformações ou não. A luta, nesse sentido, vem se expandindo, buscando romper as barreiras que ainda perduram na cultura de igualdade para todos. Mas, conforme ressalta Maffia (2013), no prólogo da obra “Internet em código feminino: teorias e práticas” - coletânea de artigos organizados por Graciele Natansohn, não podemos esquecer, as “numerosas pendências que ainda encontram uma sincera vontade política de equidade que inclua a perspectiva de gênero, para iluminar e encontrar remédios à dívida social pendente, além da busca incessante pela igualdade real de oportunidades entre homens e mulheres”. Do contrário, estaremos fechando os olhos para as distinções de gêneros ainda fortemente arraigadas em nossa sociedade e contribuindo para perpetuar uma educação sexista. A sentença será termos um país repleto de desigualdades.

2.3.3 Igualdade de gênero através do acesso às TIC

Segundo Carvalho (2006), na sociedade da informação, as mulheres, nos mais diferentes contextos e lugares do mundo, conquistaram novos espaços para se expressar, transpondo barreiras sociais e culturais até então fortemente vigentes, em que predominavam a figura e o poder do gênero masculino. O advento das tecnologias da informação e comunicação proporcionou a exploração de novas ideias, novos sentidos de cidadania mediante a expressão de sua voz, a interferência e a participação feminina no setor público e ampliou as formas de aprendizagem e de aquisição dos conhecimentos antes restritos à palavra oral e à escrita. Hoje, as mulheres podem se conectar e construir identidades coletivas.

[...] as pesquisadoras da área de gênero costumam socializar a opinião de que, para o projeto do empoderamento das mulheres, as TIC precisam ser olhadas, não como ferramentas apenas, mas como uma nova gramática tanto de uma nova linguagem quanto de uma nova realidade social. (IDEM)

Sob esse prisma, as TIC podem ser vistas como *arautos* de novas liberdades para as mulheres. Nesse sentido, a Comissão para a Condição Jurídica e Social da Mulher da ONU, em sessão de março de 2011, reconheceu o “potencial da educação e da capacitação assim como da ciência e da tecnologia para contribuir com o empoderamento econômico da mulher”, destacando que “a educação de qualidade, o acesso e a participação plena e em condições de igualdade na ciência e na tecnologia para as mulheres de todas as idades são imprescindíveis para se conseguir a igualdade entre os gêneros e o empoderamento da mulher”. Mas, a participação das mulheres em relação aos homens, na área tecnológica, é pouco significativa, especialmente quando se relacionam as decisões de infraestrutura física e lógica das redes digitais em todo o mundo. Em se tratando de governança (ministérios, secretarias), o número de mulheres que assumem cargos de comando ainda é uma minoria. Da mesma forma são uma minoria as engenheiras na área da computação e programação de software, analistas de sistemas e profissionais da ciência e da gestão das TICs. A presença restrita de mulheres na indústria, na pesquisa e nos cursos na área de tecnologias eletrônicas digitais constitui apenas um dos aspectos da enorme desigualdade e inequidade de gênero que existem nesse campo.

A Organização das Nações Unidas – ONU reconhece que “a pesquisa e o desenvolvimento da ciência e tecnologia, e sua divulgação, tem respondido de modo insuficiente às necessidades da mulher”, e ressalta a necessidade de uma maior cooperação entre os países, [...] que se destine “especialmente em direção aos países em desenvolvimento, a fim de avançarem em direção à igualdade no acesso da mulher à ciência e tecnologia, aumentando sua participação.” (NAÇÕES UNIDAS, 2011).

Em 1991, Ellen Spertus escreveu um ensaio no qual questionava por que “as mulheres procuram estudos e carreiras nas Ciências da Computação com menos frequência do que os homens”. Ela identificou em sua pesquisa vários fatores que concorrem para tal fato, entre eles, a educação diferenciada para meninos e meninas e os estereótipos e preconceitos enfrentados pelas mulheres engenheiras da Computação. Em 2011, segundo dados de relatório divulgado pelo Departamento de Comércio norte-americano, as mulheres ocupavam menos de 25% dos cargos no setor tecnológico, embora representassem praticamente 50% da força de trabalho no país. No Reino Unido, a situação é ainda mais gritante: o percentual de mulheres

que ocupam cargos no setor de tecnologia corresponde a 17%. Dados estatísticos como esses são alarmantes e nos levam a refletir sobre a realidade de mulheres de países emergentes e do terceiro mundo. Nesse mesmo documento, constata-se a disparidade de salários na área de desenvolvimento de software, em que a remuneração das mulheres é muito inferior ao salário recebido pelos homens.

Estudo realizado por Beede *et al* (2011) traz à tona os desníveis relevantes que existem na representatividade de homens e mulheres entre os profissionais das áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática. Segundo Natansohn (2013), acredita-se que esses problemas não surgem somente no mercado de trabalho, mas começam a se gerar de forma tácita ainda no interior das instituições de ensino, através de um discurso pedagógico pretensamente universal e igualitário, que gera competências e itinerários profissionais diferenciados.

A necessidade de uma reflexão mais profunda sobre a importância e os meios de se incrementar a atuação e presença das mulheres no desenvolvimento de tecnologias e espaços on-line coletiva de conhecimento é ainda mais gritante quando analisamos as relações de gênero no campo dos games. Nessa área, tem crescido a misoginia e os ataques a mulheres e meninas jogadoras, à medida que sua presença aumenta num universo tradicionalmente dominado por homens (CONSALVO, 2012, p 44).

Embora, em pleno Século XXI, a diferença digital de gênero seja visível e global, não se pode deixar de perceber que há uma crescente mudança. Alguns eventos que comprovam essa evolução merecem destaque: Natasha Grigori – no início dos anos 90, era considerada uma importante ativista do mundo *hacker*. Em 1991, seu *hobby* resultou na criação de um grupo de “piratas informáticos” que utilizam suas habilidades para perseguir, através da Internet, as redes de pornografia infantil. Na IV Conferência Mundial de Mulheres, realizada em Pequim (1995), uma equipe formada por 40 mulheres, representantes de 24 países, assegurou a formação e o apoio a 1.700 usuárias, criando um espaço eletrônico com informação das ONGs, presentes na China, em 18 idiomas. Foram computados 100.000 acessos e, pela primeira vez, mulheres de todos os continentes lograram dos trabalhos da Conferência e expressarem suas opiniões em tempo real. Na Europa, os dados sobre o acesso à internet mostram que, apesar de a entrada das mulheres como usuárias ter sido mais demorada do que a dos homens, atualmente, os números tendem ao equilíbrio. Em agosto de 1997, surgiu, na Espanha, *Mujeres en Red*, que tem como finalidade criar um espaço de encontro online que favoreça a troca de informações, estratégias e contatos entre os grupos de

mulheres e grupos feministas do mundo que veem no ciberfeminismo social ‘a possibilidade de unir a força das mulheres como única forma de alcançar “o empoderamento” necessário para mudar as estruturas profundas do patriarcado e conseguir um mundo mais justo e igualitário. Na América Latina, destaca-se a forte presença feminina no uso de *sites* de redes sociais e da telefonia móvel. No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a quantidade de brasileiras usuárias da internet cresce mais do que a dos homens, e muitas mulheres *lutam para entrar num espaço altamente competitivo, sem questionar as condições desiguais que devem enfrentar* (WELLS, 2005). Pesquisadoras acadêmicas sobre a regulação das telecomunicações e o controle dos meios são ativas militantes em fóruns e movimentos pela democratização da comunicação e pela defesa dos direitos humanos das mulheres na internet.

Certamente, a inclusão das mulheres no mundo tecnológico é um processo desafiador e lento, porém, vem ocorrendo de forma intermitente. Mundialmente, as mulheres começam a tomar consciência da necessidade de acessar as redes de informação e comunicação, através de blogs, *facebook* e tantos outros recursos, e almejam ingressar no mundo informático, adquirir competências tecnológicas na área de programação de sistemas computacionais e se inserir nesse campo até então consagrado à estirpe masculina. Embora ainda sejam escassos os projetos orientados para as tecnologias digitais com enfoque de gênero, há uma grande quantidade de sites e recursos web de organizações que trabalham pelos direitos das mulheres e de outras minorias.

2.4 A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

A escola tem compromisso primordial com a formação dos/as estudantes e sua inserção na sociedade da informação, contextualizada com as novas demandas sociais, culturais, políticas e econômicas. Nessa perspectiva, precisa prepará-los/as para a vida de forma crítica, consciente e cidadã. Para que isso seja possível, é necessário assegurar a qualidade do processo ensino-aprendizagem com um projeto político-pedagógico que proporcione o desenvolvimento de habilidades e competências que atendam às demandas da realidade dos/as estudantes, através de atividades pedagógicas, mediadas pelo/a professor/a, que priorizem a articulação dialética da relação entre a teoria e a prática, com o auxílio das tecnologias educativas, o que exige o estado de formação inicial e continuada dos/as docentes dentro de um processo de construção e reconstrução das práticas pedagógicas. Segundo

Hernandez (1998), as mudanças na educação pressupõem a ressignificação da escola como um lugar de aprender e a valorização do professor como educador e pesquisador do ensino.

O Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional (PROINFO Integrado), através do Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007, no âmbito do MEC, promove o uso pedagógico das TIC nas redes públicas da educação básica, com a finalidade de desenvolver ações de formação continuada que contribuam para a inclusão digital. Em cada unidade da Federação, há uma Coordenação do PROINFO, vinculada às secretarias estaduais e/ou municipais de educação, representada pelo Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE), formado por equipes de professores e técnicos das redes estadual e municipal de educação, com especialização em tecnologias educativas, selecionados através das secretarias de educação e capacitados continuamente pelas instituições de ensino superior, conveniadas e/ou parceiras do PROINFO/MEC. Cabe ao NTE, junto com as secretarias e as escolas, oferecer e executar a formação continuada dos/as professores/as por meio do desenvolvimento de projetos de aprendizagem que contemplem a utilização das TIC de forma dinâmica, interativa e significativa no processo ensino e aprendizagem, em um processo que integra a prática pedagógica, as teorias educacionais e a utilização e o domínio das tecnologias eletrônicas.

A tecnologia é algo a ser utilizado para a transformação do ambiente tradicional da sala de aula (local, normalmente, desinteressante, com pouca interação entre aluno e professor), buscando através dela criar um espaço em que a produção do conhecimento aconteça de forma criativa, interessante e participativa, de modo que seja possível educador e educando aprenderem e ensinarem usando imagens, sons, formas textuais e com isso, adquirirem os conhecimentos necessários para obterem sucesso no dia-a-dia em sociedade (KENSKI, 2001, p.22)

Envolvendo tecnologias ou não, o ato de ensinar é uma prática complexa, seja dentro de uma abordagem construtivista/construcionista ou tradicional. Todavia, a utilização de tecnologias digitais pode contribuir para novas formas de ensinar e aprender e dar ao professor a visibilidade de processos sociocognitivos que ele ainda desconhece. Moran (2000, p.15) refere que ocorre uma mudança qualitativa no processo de ensino/aprendizagem quando se consegue integrar, em uma visão inovadora, todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, as musicais, as lúdicas e as corporais, e diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar. Nesse contexto, o/a professor/a é desafiado a ter uma postura de mediador/aprendiz, articulador do ensino e da pesquisa, incentivador do aluno, atento as suas expectativas e necessidades e ao seu desenvolvimento

cognitivo, social e afetivo. Para Freire & Shor (1986), o educador *faz com os* seus alunos, e *não, para* eles.

Almeida e Prado (s/data) entendem que o desafio maior desse processo consiste em criar um *design educacional* flexível e aberto ao desenvolvimento de propostas curriculares, metodologias de trabalho e estratégias de atuação docente, que leve em consideração as contribuições das tecnologias disponíveis para o alcance dos objetivos. Assim, transformar a escola e a prática de ensino requer mais do que simplesmente adquirir novas estratégias de ensino e de habilidades técnicas através do uso de tecnologias.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, descreve-se o caminho metodológico traçado para a realização da investigação, no sentido de alcançar os objetivos da pesquisa, que tratou de analisar as dificuldades enfrentadas pelos/as professores/as nativos e imigrantes digitais, considerando a necessidade de lidarem com as novas tecnologias no contexto educacional.

A metodologia é uma etapa da pesquisa que possibilita ao/à pesquisador/a desenvolver sua proposta dentro de um método científico, para facilitar o entendimento e a interpretação de todo o processo de pesquisa. Segundo Gil (1999), Marconi e Lakatos (2010), o método científico é relevante para o desenvolvimento da pesquisa, por ser um conjunto de processos ou operações mentais que os pesquisadores desenvolvem na investigação em busca de respostas para o fenômeno pesquisado. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa.

Ao se referir ao trabalho de investigação dos cientistas sociais, Mills (1965) sugere que eles utilizem as experiências de suas vidas em suas pesquisas. Tomando como referência essa recomendação, podemos considerar este trabalho como um processo de busca, uma pesquisa, com a intenção de encontrar respostas para as interrogações propostas concernentes ao tema em foco - o uso das TIC com recorte de gênero.

Tendo em vista a natureza do objeto investigado - neste caso, a escola pública e a escola particular - o uso das TIC com recorte de gênero e as justificativas apresentadas no capítulo introdutório, optou-se pela abordagem qualitativa, por ser o recurso metodológico mais apropriado para se compreender o problema no meio em que ele ocorre. A pesquisa qualitativa “parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano em relação ao estudo” (FLICK, 2009, p. 16). Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa que envolve sujeitos reais, situada em contextos específicos. Em se tratando da pesquisa ora apresentada, os sujeitos participantes são professores/as das escolas referendadas. Entre as várias feições que uma pesquisa qualitativa pode assumir, optou-se pelo estudo de caso, considerando que esse enfoque é significativo para compreender e descrever a realidade pesquisada, em busca de respostas para o fenômeno de investigação – as dificuldades enfrentadas pelos/as professores/as nativos/as e imigrantes digitais, considerando a necessidade de lidarem com as novas tecnologias no contexto educacional. Esta investigação inspirou-se, principalmente, em contribuições teóricas de Almeida, Hernández, Prado e outros autores antes mencionados.

Para a coleta dos dados, foi empregada a entrevista semiestruturada, composta de sete questões que focam perguntas sobre a resistência às novas tecnologias e os principais meios para trabalhá-las nas escolas e sobre as ferramentas tecnológicas existentes e mais usadas. Essa entrevista foi realizada com um universo amostral de 27 professores/as – 17, em uma escola pública, e dez, em uma particular, ambas localizadas na cidade de João Pessoa (PB).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA A

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profissionalizante Professora Maria do Carmo de Miranda, localizada na Rua Coronel João Luiz Ribeiro de Moraes, 279, no Bairro de Jaguaribe, João Pessoa/PB, foi criada em 04 de março de 1986, através do Decreto nº 11.261, assinado pelo então Governador em exercício, José Carlos da Silva Júnior, e pelo Secretário de Estado da Educação, Professor José Loureiro Lopes, no então Governo de Wilson Leite Braga. Recebeu o nome de Escola Normal Estadual Ministro Pereira Lira, em homenagem ao Mestre paraibano e Professor Pereira Lira, nascido no Município de Santa Rita, em 23 de agosto de 1889, e falecido em Brasília, em 31 de maio de 1955. A escola recebeu a autorização para funcionar através da Resolução nº 93/91, da Secretaria de Estado da Educação. No ato de sua fundação, começou com o Ensino Fundamental I, que funciona como Escola de Demonstração para Estágio, e com o Ensino Médio, na Modalidade Normal (Magistério).

Em 10 de dezembro de 1992, através do Decreto nº 14.990, na Gestão do Governador Ronaldo José da Cunha Lima, passou a ser chamada de Escola Normal Estadual Professora Maria do Carmo de Miranda, em homenagem à sua primeira diretora e fundadora, Maria do Carmo de Miranda, falecida em 07 de setembro de 1988. Em 2011, na Gestão do Governador Ricardo Vieira Coutinho, seu nome foi alterado para Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Profissionalizante Professora Maria do Carmo de Miranda.

A partir do ano de 2008, essa Instituição Escolar implementou o Curso Técnico em Secretariado Integrado ao Ensino Médio, que começou a funcionar no ano seguinte. Iniciou com duas turmas do Secretariado (PROEJA) e assim permaneceu até 2010, quando foi reconhecida através da Resolução nº 257/2010 e do Parecer nº 198/2010, aprovado em 10 de novembro de 2010.

Essa escola já teve 11 gestores – oito, do sexo feminino, e três, do sexo masculino. Atualmente, é administrada pela Professora Maria Airan Cezar, licenciada em Geografia, e com a colaboração da adjunta Rosélia Maria do Egito Seixas, licenciada em História e especialista em Escola Normal, ambas eleitas pela segunda vez de forma direta, com a participação da comunidade escolar. Portanto, seu modelo de organização é a Gestão Democrática.

Nessa escola-campo, há salas de aula, uma biblioteca, uma sala de Informática, com 22 computadores, uma cantina, seis banheiros, uma sala de professores, uma sala de técnicos, uma secretaria e uma área coberta (Ginásio de Esportes). A escola funciona nos turnos da manhã, da tarde e da noite e atende a uma clientela de 409 estudantes - cinco turmas do Ensino Fundamental I (1º ao 5ºano), três, do Magistério, cinco turmas do Secretariado, três, do Ensino Médio e uma sala multifuncional para atender à comunidade da escola e de outras com necessidades especiais educativas. Esses educandos residem em vários bairros e cidades vizinhas.

No que se refere ao quadro funcional dessa Instituição Educativa, é composto por 74 funcionários - 30 professores, oito, do sexo masculino, e 22, do sexo feminino. No que diz respeito à formação, 28 têm Licenciatura, 25, Especialização, e dois, Mestrado. No decorrer desses 28 anos, vem contando com mais de 171 turmas de concluintes - mais de 125 turmas do Magistério, 46 do Ensino Fundamental I, e 38 (trinta e oito), do Secretariado.

A escola está sendo reformada e ampliada já há algum tempo. Entre outras melhorias, mais salas de aula arejadas e confortáveis e um refeitório para o bem-estar de toda a comunidade. Apesar de ainda se encontrar em reforma, funciona, dentro do possível, com atividades para melhorar seu desenvolvimento, com execução de projetos em todos os segmentos, entre eles, vale salientar o Projeto de Apoio à Expressão Juvenil “Se sabe de repente”, trabalhado no Ensino Médio, e o funcionamento de programas como ‘Mais Educação e Primeiros Saberes’, que são desenvolvidos no Ensino Fundamental. O Laboratório de Informática também está funcionando com ferramentas tecnológicas digitais, como tabletes, data show, TV, computadores e atividades extraclasse, como visitas culturais.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PARTICULAR B

O Colégio e Curso Decisão, localizado na Rua Estela Bezerra da Silva, 154, no Bairro de Mangabeira I, João Pessoa/PB, foi criado em 01 de fevereiro de 1993, com o nome Maternal Tatyana, em homenagem ao bebê recém-nascido da proprietária da Escola. Começou a funcionar somente com a Educação Infantil, em uma pequena casa residencial que foi adaptada para ser escola. Com a fundação do Maternal Tatyana, muitas decisões foram tomadas, e como decisão é uma palavra forte, o nome da escola foi mudado para Colégio e Curso Decisão.

Atualmente, essa Instituição de Ensino funciona com a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio) nos turnos da manhã,

e da tarde, e atende a uma clientela de 1460 estudantes. Quanto à estrutura, dispõe de 30 salas de aula, uma biblioteca, uma cantina, uma sala de Arte, sala de Ballet, um parque infantil, uma quadra, um Laboratório de Robótica e um Laboratório de Informática.

No que diz respeito aos recursos tecnológicos, tem 30 computadores, materiais de Robótica, cinco data show, 30 televisores, distribuídos nas salas de aula, aparelhos de som e uma lousa eletrônica, todos em pleno funcionamento. Desde sua fundação, a escola é dirigida pela Professora Maria de Fátima Palmeira do Nascimento, que é também a proprietária desse Estabelecimento de Ensino, e tem cem funcionários.

4.3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA ESCOLA A

Na Escola A, foram entrevistados **17** professores/as – cinco, do sexo masculino, e 12, do sexo feminino, todos residentes em João Pessoa-PB. Quanto à faixa etária desses profissionais, há um com 30 anos, e 16 com mais de 45 anos. No que diz respeito à formação acadêmica, 15 quinze cursaram o Ensino Superior, e dois, o Mestrado. Dentre as formações acadêmicas, estão: Licenciatura em Pedagogia, Letras, Química, Matemática, História, Psicologia e Filosofia.

No que refere à atuação profissional, todos atuam no Ensino - sendo que um deles exerce também a Gestão - e têm experiências que variam de um a 16 dezesseis anos, e cinco atuam em outras escolas, com carga horária semanal de 40 h. Quanto ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, todos os professores e professoras afirmaram que se consideram abertos às novidades que chegam à escola, pois isso faz parte de sua profissão. Dos 17 entrevistados, dez usam as TIC em sua vida pessoal; seis disseram que existem TIC disponíveis para ser usados em sala de aula (DVD, tablets, data show e TV), e 15 participaram de Curso de Formação para o uso das TIC. Os cursos realizados por esses profissionais foram PROINFO I II III e Tablete Educacional.

Por fim, os professores deram as seguintes sugestões para ampliar o uso das TIC no processo de ensino e aprendizagem: formação continuada, manutenção dos equipamentos, seleção de bons sites, extensão do wifi e data show.

4.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA ESCOLA B

Na Escola B, foram entrevistados dez professores/as – três, do sexo masculino, e sete, do sexo feminino, todos residentes em João Pessoa-PB. Quanto à faixa etária, quatro têm até

30 anos; três, de 31 a 35 anos, e três, de 36 a 45 anos. Sobre a formação acadêmica, todos/as os/as professores/as cursaram o Ensino Superior. Dentre as formações acadêmicas, destacam-se Artes, Licenciaturas em Pedagogia e Matemática. No que refere à atuação profissional, todos atuam no Ensino - um deles exerce também a Gestão, com carga horária semanal de 40 horas - e têm experiência que varia de um a sete anos.

Quanto ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, todos os professores e professoras afirmaram que se consideram abertos às novidades que chegam à escola, que está sempre aberta às inovações. Dos 17 entrevistados, oito usam as TIC em sua vida pessoal; dez disseram que existem TIC disponíveis para usarem em sala de aula (lousa eletrônica, TV, computadores e tablets), e dois participaram de Curso de Formação para o uso das TIC. Os cursos realizados por esses profissionais foram o Básico de Informática, elaboração de slides e vídeos. Por fim, para ampliar o uso das TIC no processo de ensino-aprendizagem, os entrevistados sugeriram cursos de capacitação, grupos de trabalho para pesquisas na Internet e atividades on-line e presenciais no próprio computador.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

4.5.1 Justificativa da escolha pela entrevista semiestruturada

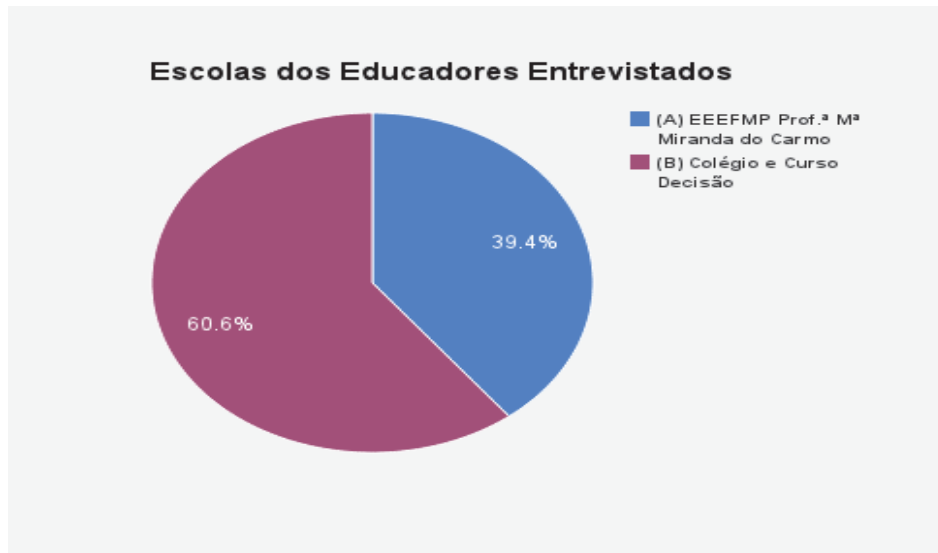
A escolha pela entrevista semiestruturada deve-se ao fato de que essa modalidade de instrumento de coleta de dados proporciona a obtenção de informações mais profundas sobre a realidade, evidenciando valores e opiniões dos atores sociais envolvidos com o tema. Segundo Minayo (1993), a entrevista “é um instrumento privilegiado de coleta de informações, é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir através de um porta-voz, as representações de um grupo determinado em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas” (p.109-110). Assim, com a entrevista semiestruturada, o entrevistador pode discorrer sobre o tema sem condições pré-fixadas, e o entrevistado alcança a liberdade e a espontaneidade durante a investigação. (Apêndice)

4.5.2 Discussão dos dados

O gráfico 1 representa o percentual do universo amostral de professores/as participantes da pesquisa. Foi entrevistado um total de vinte e sete docentes. Dezesete são

oriundos de uma escola pública, nomeada na pesquisa como Escola A, e dez fazem parte do quadro de uma escola particular, aqui denominada de Escola B. Ambas localizam-se na cidade de João Pessoa (PB).

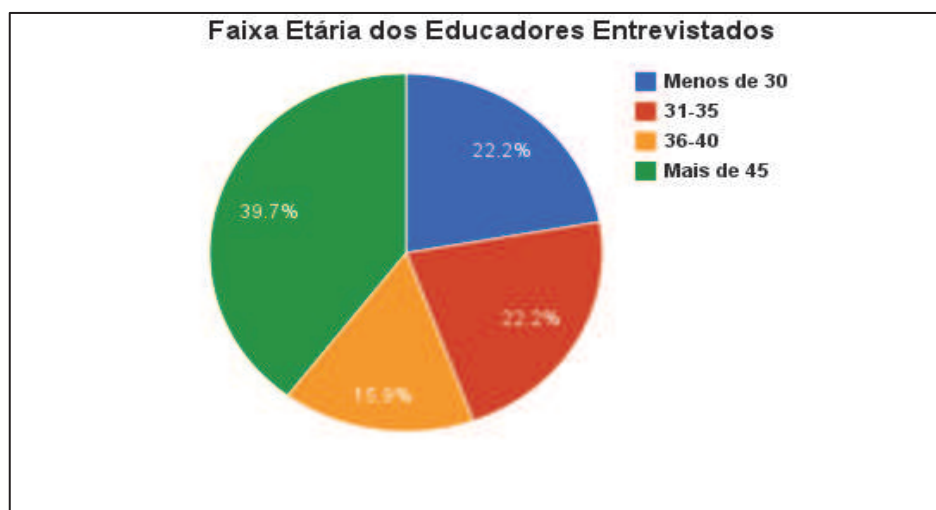
Figura 1 – Escolas dos Educadores Entrevistados



Fonte: Resultado dos questionários /2014.

O gráfico 2 se refere ao percentual da faixa etária dos vinte e sete educadores entrevistados: 22,2% com menos de 30 anos; 22,2% estão na faixa etária entre 31 e 35 anos; 15,9 % têm idades entre 36 e 40 anos e 39,7%, idades acima de 45 anos.

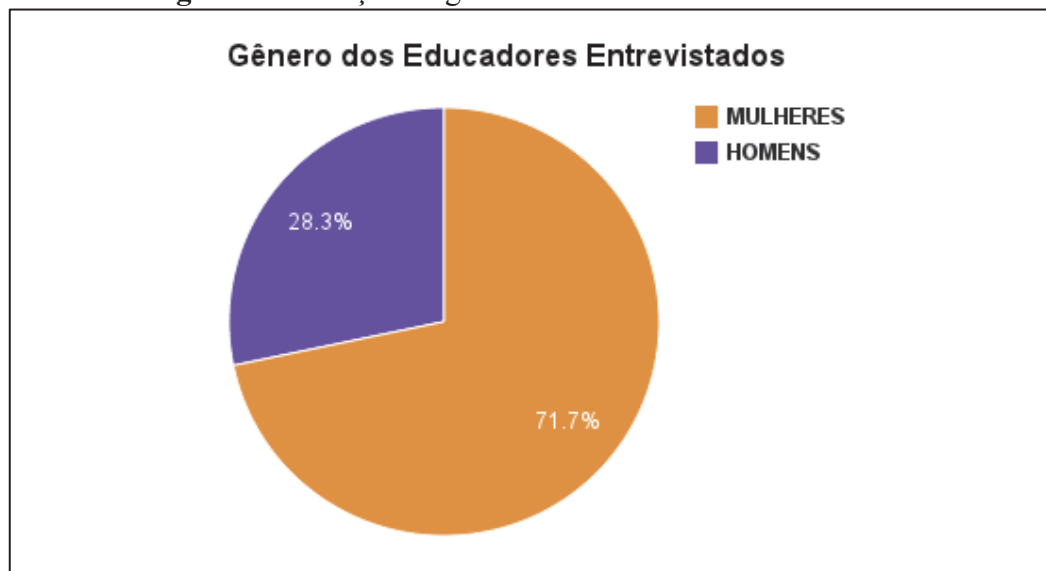
Figura 2 – Faixa etária dos/as entrevistados/as



Fonte: Resultado dos questionários /2014

Nas duas escolas, 71,7% dos entrevistados são do sexo feminino, e 28,3%, do masculino. Os dados confirmam a predominância da presença feminina na profissão de professor/a e comprovam o uso das tecnologias pelas mulheres, conforme o estudo realizado para fundamentar este trabalho. Nesse aspecto, retome-se o pensamento de Carvalho (2006), quando afirma que, na sociedade da informação, as mulheres, nos mais diferentes contextos e lugares do mundo, conquistaram novos espaços para se expressar e transpuseram barreiras sociais e culturais, até então, fortemente vigentes, em que se predominavam a figura e o poder do gênero masculino. Cite-se, ainda, Barbosa (2013), que assevera que as mulheres passam por um processo de inclusão digital que vem procurando estabelecer uma nova cultura digital com novos padrões e valores de igualdade de gênero.

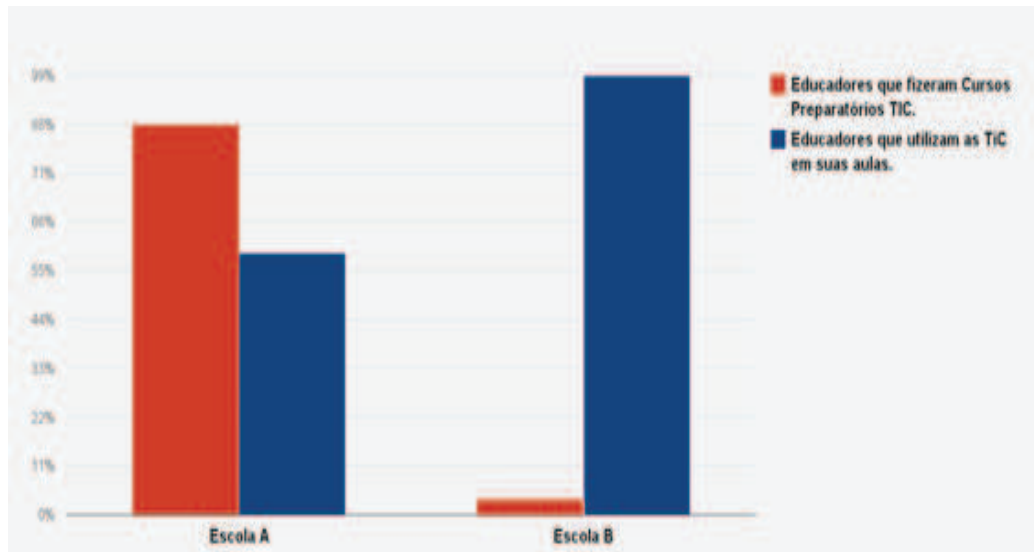
Figura 3 – Relação de gênero dos educadores entrevistados



Fonte: Resultado dos questionários /2014

Os dados coletados quanto à realização de Cursos de Formação mostraram que, na Escola A, 88% dos/as professores/as cursaram uma Formação Continuada e, surpreendentemente, apenas 59% usam as TIC em suas aulas. Na Escola B, apenas 0,2% dos professores participaram de Cursos de Formação Continuada para o uso das TIC e, mais uma surpresa, 99%, usam as tecnologias em suas aulas.

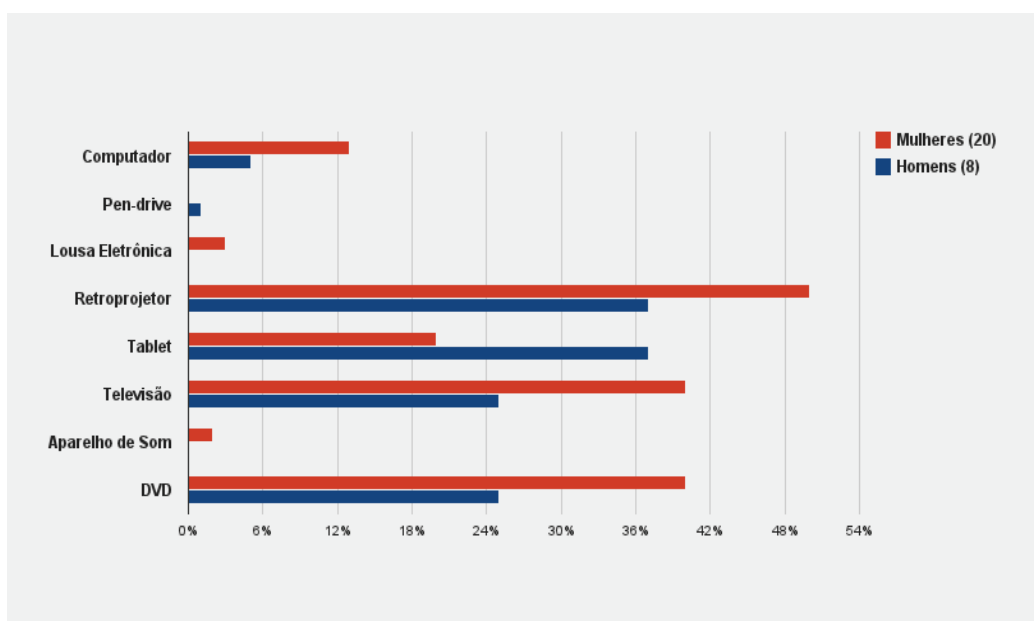
Figura 4 – Relação entre os educadores participantes de cursos e a utilização das TIC



Fonte: Resultado dos questionários /2014

Ressalte-se que, apesar do baixo uso das TIC na escola pública, ambos os grupos de professores/as das escolas investigadas sugeriram a realização de Formação Continuada. Contudo, constatou-se, mesmo considerando a amostra com uma maioria de mulheres, que as professoras usam mais as tecnologias educacionais (TIC) e as mídias do que os professores e, em que pese as dificuldades do cotidiano das Instituições, elas procuram inovar e participar mais de cursos de Formação Continuada, como demonstra a figura 5, a seguir.

Figura 5 – Relação entre homens/mulheres e o uso de TIC



Fonte: Resultado dos questionário /2014

Nesse aspecto, concorda-se com Valente (1993), que considera o conhecimento das tecnologias necessário para que o/a professor/a assuma uma posição pedagogicamente proativa em relação à prática pedagógica que considera as tecnologias em suas aulas. Ressalte-se, todavia, que o conhecimento não é adquirido através de treinamento, mas por meio de um processo de formação permanente, dinâmico e integrador, que se fará através da prática e da reflexão sobre essa prática, da qual se extrai o substrato para a busca da teoria que revela a razão de ser da prática, como destaca o referido autor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a trajetória inicial deste trabalho sobre a importância do envolvimento dos/as professores/as no uso das TIC, no processo de ensino e aprendizagem, foi possível perceber que os sujeitos do estudo apontaram uma aplicabilidade relativa dessas tecnologias em suas práticas pedagógicas. De acordo com a análise dos dados, constatou-se que todos os profissionais envolvidos na pesquisa estão abertos às inovações tecnológicas, que as duas escolas dispõem de recursos tecnológicos para serem utilizados pelos/as professores/as e que eles/as usam as TIC em sua prática docente, porém têm consciência de que necessitam de formação continuada. Por essa razão, defende-se que é preciso oferecer cursos de formação continuada para professores sobre o uso das novas tecnologias, tendo em vista que as mudanças na educação propostas por Hernández (1998) pressupõem a restituição do significado da Escola como um “lugar de aprender”, e a valorização do professor, como “educador e pesquisador do ensino”.

Considerando os questionamentos e as inquietações do estudo em foco, conclui-se, de acordo com os dados obtidos, que tanto os docentes do gênero feminino quanto os do masculino sentem a necessidade de lidar com as novas tecnologias no contexto educacional. O estudo mostrou, ainda, que uma maioria de mulheres usa bem mais as tecnologias educacionais (TIC) e as mídias do que os professores e procuram inovar e participar mais de Cursos de Formação Continuada.

No tocante à quantidade de recursos tecnológicos e à participação da formação continuada, há diferenças entre as experiências nas duas escolas. Na Escola A, que tem menos recursos tecnológicos, os/as professores/as participam mais de formação continuada e usam menos as TIC do que a Escola B, onde o uso das TIC e das mídias é mais acentuado.

Os resultados deste trabalho indicam que é preciso incentivar e estimular os/as professores/as – tanto os/as da rede pública quanto os/da rede particular - a inovar suas aulas. É preciso, no entanto, que a escola lhes dê suporte com cursos que os preparem para aprender a lidar com os novos recursos tecnológicos, já que deve acompanhar as mudanças decorrentes do mundo contemporâneo e atender às exigências da modernidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **Inclusão digital do professor**: formação e prática pedagógica. São Paulo: Articulação, 2004.

_____. **Tecnologias na Escola**: a perspectiva dos gestores sujeitos de uma formação. VIII Congresso da Rede Ibero-americana de Informática na Educação. Costa Rica, 2006. Trabalho completo publicado em CD-ROM e na Internet: <http://www.una.ac.cr/ribie>.

_____. Tecnologia de informação e comunicação na escola: novos horizontes na produção da escrita. Disponível em: http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto24.pdf. Acesso em: 17 jun. 2014.

BARBOSA, R. C. **Mulheres e cibercultura**: notas sobre dilemas das mulheres com as TIC na formação superior a distância. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/385/214>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Paris: Librairie Gallimard, 1967.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. **PROINFO**: Informática e formação de professores - Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.

CARVALHO, M.E.P. **Gênero e carreiras universitárias**: o que mudou? Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: gênero e preconceitos. Universidade Federal de Santa Catarina, 28 a 30 de agosto de 2006.

_____. **Construção e desconstrução de gênero no cotidiano da Educação Infantil**: alguns achados de pesquisa. GT-23: Gênero, sexualidade e educação. Disponível em: http://31reuniao.anped.org.br/5trabalhos_encomendados/trabalho%20encomendado%20-%20gt23%20-%20maria%20eulina%20pessoa%20de%20carva.pdf. Acesso em: 15 jun. 2014.

_____. **Conceitos de gênero, sexualidade e diversidade sexual**. Cadernos Temáticos Refletindo sobre Gênero na Escola. Curitiba-PR: UTFPR, 2008.

CONTI, S. A. Educação saindo do armário: fios e tramas do arco-íris. **Revista Mátria**, Brasília, CNTE, março/2010.

DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo, Pioneira, 1993.

FERNANDES, T.A; VAN DER LINDEN, M.M.G; DINIZ, E.C. 1. **Educação a Distância** – coletânea. 2. Capacitação continuada. 3. Docência on-line. 4. Tutoria.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GROSSI, M. P. **Identidade de gênero e sexualidade**. Antropologia em primeira mão, Florianópolis-SC: 1998.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

_____. **Novas tecnologias, o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente**. Informática Educativa, Vol. 12, nº. 1, 1999 UNIANDES - LIDIE pp. 35-52.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, 313p.

LOURO, G. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2000.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 2ª. Ed. São Paulo-Rio de Janeiro, Hcitech-Abrasco, 1993.

NATANSOHN, Graciela (org.). **Internet em código feminino**: teorias e práticas - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía, 2013. E-Book.

QUEIROZ, C.T.A.P.; BARBOSA, R.C. **Experiências formativas on-line**: nuances da Educação a Distância em uma Pós-graduação em serviço. 2013 (Apresentação de Trabalho/Comunicação Colóquio Internacional de Pesquisa em Educação Superior-UFPB).

QUEIROZ, C.T.A.P.; MOITA, F.M.G.S.C. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação**. Natal: Editora UFRN, 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, nº 02, vol.20, 1995.

VALENTE, J. A. Diferentes usos do computador na educação. In: **Computadores e conhecimento**: repensando a educação. Campinas, Gráfica Central das Unicamp, 1993^a.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo educado** - Pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.p 35-82.

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE. Disponível em:
<http://monografias.brasilecola.com/pedagogia/relacoes-genero-sexualidade.htm>. Acesso em: 20 jun. 2014.

ROIEKE. R. **O conceito de gênero no Curso de formação de Docentes para a Educação Infantil e séries iniciais na modalidade normal**. Disponível em:
http://www.pinhais.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/seminario/uploadAddresses/Comunica%C3%A7%C3%A3o_Oral_-_Raquel_Roieke%5b2274%5d.pdf. Acesso em: 20 jun. 2014.

APÊNDICE



CURSO : ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES
ALUNA: ÍSTRIA MARIA ALVES DE LEMOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Caro (a) participante:

Esta entrevista visa colher ideias e informações a respeito da linha de pesquisa 2, **Tecnologias educacionais: mídias e práticas**, do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, ofertado pelo convênio PROEAD/UEPB e pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, e pretende enriquecer uma pesquisa em nível de Pós-graduação *lato sensu* sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica dos professores das seguintes Instituições de Ensino: Colégio e Curso Decisão e EEEFMP Professora Maria do Carmo de Miranda, ambas localizadas no município de João Pessoa – PB.

Salientamos que não realizaremos uma análise crítica nem pessoal sobre os respondentes, mas faremos sua caracterização para compreender bem mais o nosso objeto de estudo. Este questionário terá um caráter **confidencial**.

Agradecemos, desde já, pela disponibilidade e pelo apoio dispensados para a realização da entrevista e realçamos a importância de sua colaboração, sem a qual não poderíamos prosseguir com o presente estudo.

Atenciosamente,

Ístria Maria Alves de Lemos
Aluna do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação
istriamarialves@hotmail.com

Profª Drda. Cecília Telma Alves Pontes de Queiroz
Orientadora
queiroz.cecilia@gmail.com

PARTE 1 – CARACTERIZAÇÃO PESSOAL

1. Sexo:

F M **2. Idade:**Até 30 anos De 31 a 35 anos De 36 a 40 anos De 41 a 45 anos Mais de 45 anos **3. Cidade onde reside:** _____ Estado: _____**PARTE 2 – FORMAÇÃO ACADÊMICA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL****1. Formação acadêmica:**Ensino Médio Superior

Graduado em _____

Mestrado

Mestre em _____

Doutorado

Doutor em _____

2. Atuação profissional:Ensino Gestão

Outra. Qual: _____

Quantos anos você tem de experiência profissional? _____

Você atua em outras escolas? () Sim () Não

Qual sua carga horária semanal de trabalho? _____

3. Escola em que atua:

() Colégio e Curso Decisão

() EEEFMP Professora Maria do Carmo de Miranda

PARTE 3 – REFLEXÃO SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS NAS ESCOLAS

Questão 01 - Você usa as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em sua vida pessoal?

Sim Não

Quais? _____

Questão 02 – Existem, em sua escola, TIC disponíveis para os/as professores/as?

Sim Não

Quais? _____

Questão 03 - Você se considera um/uma professor/a aberto/a às novidades que chegam às escolas?

Sim Não

Por quê? _____

Questão 04 - Você utiliza TIC em suas aulas?

Sim Não

Em caso afirmativo, de que forma? _____

Questão 05 – Você participou ou participa de Cursos de Formação para o uso das TIC?

Sim Não

Em caso afirmativo, quais? _____

Questão 06 – Você usa as redes sociais como recursos em sua prática pedagógica?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva como faz. _____

Questão 07 – Quais sugestões você daria para ampliar o uso das TIC no processo ensino-aprendizagem?

Data: _____ / _____ /2014.

ANEXOS

Entrevistas na Escola EEEFMP Professora Maria do Carmo de Miranda

Imagem 01 – Arquivo da pesquisadora/2014.



Imagem 02 – Arquivo da pesquisadora/2014.



Imagem 03 – Arquivo da pesquisadora/2014.



Imagem 04 – Arquivo da pesquisadora/2014.



Imagem 05 – Arquivo da pesquisadora/2014.



Imagem 06 – Arquivo da pesquisadora/2014.



Imagem 07 – Arquivo da pesquisadora/2014.



Imagem 08 – Arquivo da pesquisadora/2014.



Imagem 09 – Arquivo da pesquisadora/2014.



Imagem 10 – Arquivo da pesquisadora/2014.



COLÉGIO E CURSO DECISÃO

Imagem 11 – Arquivo da pesquisadora/2014



Imagem 12 – Arquivo da pesquisadora/2014



Imagem 13 – Arquivo da pesquisadora/2014

